



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Fevereiro 2026

v. 6 n. 56

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

Fevereiro 2026

v. 6 n. 56

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



APRESENTAÇÃO

A International Integralize Scientific configura-se como um periódico científico mensal dedicado à difusão rigorosa e qualificada do conhecimento acadêmico. Com publicações predominantemente em língua portuguesa e contribuições consistentes em inglês e espanhol, a revista consolida-se como um espaço editorial multicultural, orientado ao diálogo científico internacional e ao fortalecimento da produção intelectual brasileira no cenário global.

Alinhada a elevados critérios de avaliação acadêmica, a revista privilegia a publicação de artigos inéditos de discentes e docentes provenientes de distintas áreas do saber, reconhecendo a ciência como campo plural e interdisciplinar. Cada manuscrito submetido passa por criteriosa análise técnico-científica em regime de avaliação por pares, assegurando integridade metodológica, consistência teórica e relevância social dos resultados apresentados. Dessa forma, a International Integralize Scientific reafirma seu compromisso institucional com a circulação responsável do conhecimento e com o fortalecimento da cultura de pesquisa.

Sua missão institucional consiste em promover a publicação e a disseminação de pesquisas inovadoras que contribuam efetivamente para o avanço científico e tecnológico, estimulando a reflexão crítica e o desenvolvimento de novas abordagens investigativas. A revista persegue a visão de consolidar-se como referência de credibilidade e excelência acadêmica no contexto internacional, valorizando a produção científica que se ancora em evidências sólidas, metodologias reconhecidas e padrões éticos elevados.

A governança editorial do periódico opera em plataforma Open Journal Systems (OJS), garantindo transparência processual, rastreabilidade, interoperabilidade com bases internacionais e aderência às melhores práticas em editoração científica. A revista possui registro ISSN nas versões impressa e digital e atribui Digital Object Identifier (DOI) a todas as publicações, mediante associação ativa à Crossref, assegurando autenticidade, persistência e ampla citabilidade internacional. Sua atuação editorial mantém alinhamento às boas práticas recomendadas por organizações científicas de referência e aos princípios éticos, técnicos e normativos que orientam a gestão de periódicos acadêmicos qualificados, incluindo diretrizes consolidadas no âmbito da normalização internacional.



Os valores que regem sua atuação editorial fundamentam-se no rigor científico, na ética acadêmica e na promoção de um ecossistema plural de saberes. A diversidade disciplinar, a integridade intelectual, a inovação, o impacto social da ciência e a construção de redes colaborativas entre pesquisadores de diferentes nacionalidades constituem pilares estruturantes do periódico. Ao incentivar a interlocução entre centros de pesquisa, universidades e comunidades científicas, a International Integralize Scientific contribui para o desenvolvimento de uma ciência aberta ao diálogo, orientada à melhoria contínua e sensível às demandas contemporâneas.

Sua periodicidade regular, o compromisso com padrões editoriais elevados e a interlocução permanente com autores e avaliadores qualificados reforçam a credibilidade da revista como veículo legítimo de disseminação científica. Trata-se, assim, de um espaço editorial que acolhe a investigação acadêmica com seriedade, estimulando trajetórias de produção intelectual consistente, ética e socialmente relevante.

Ao posicionar-se como ponte entre diferentes culturas, idiomas e tradições científicas, a International Integralize Scientific reafirma o papel estratégico dos periódicos acadêmicos no fortalecimento da ciência global e na promoção de um conhecimento capaz de transformar realidades, ampliar horizontes e projetar pesquisadores brasileiros e internacionais em um ambiente científico de excelência.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Expediente Editorial

A Revista International Integralize Scientific é um periódico científico mensal dedicado à promoção e disseminação de conhecimento acadêmico de alta qualidade, orientado por rigor metodológico e compromisso ético. Seu propósito central consiste em oferecer um espaço de visibilidade qualificada para pesquisas inéditas, contribuindo para o fortalecimento do debate científico e para o desenvolvimento contínuo das diversas áreas do saber. Ao assegurar processos criteriosos de avaliação e seleção editorial, o periódico reafirma sua vocação institucional de fomentar o pensamento crítico, incentivar o intercâmbio intelectual e apoiar a formação de novas gerações de pesquisadores.

Diretor Geral

Dr. Luan Trindade

Responsável pela direção estratégica do periódico, conduz a governança institucional da revista, assegurando o alinhamento entre política editorial, expansão científica e fortalecimento das relações acadêmicas nacionais e internacionais.

Diretora Administrativa

Profa. PhD Vanessa Sales

Docente e pesquisadora, com trajetória consolidada na área acadêmica, coordena os processos organizacionais e de gestão editorial, contribuindo diretamente para a qualidade científica, ética e institucional das publicações.

Editor de Design Gráfico e Diagramação

Balbino Júnior

Profissional responsável pela curadoria visual, normatização gráfica e composição editorial, assegurando harmonia estética, legibilidade acadêmica e conformidade técnica das edições.

Características do Periódico

Periodicidade:

Mensal

Idiomas de Publicação:

Português, Inglês e Espanhol

Plataforma Editorial:

Open Journal Systems (OJS)

Registro Internacional:

SSN 3085-654X

Identificação Digital:

DOI registrado e associado à Crossref

Contato Editorial

Para esclarecimentos, submissões, parcerias institucionais ou orientações relacionadas ao processo editorial, a equipe técnica encontra-se à disposição através do e-mail:

publicacao@iiscientific.com

Endereço Institucional

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil
Rodovia SC-401, Bairro Saco Grande
CEP 88032-005

A International Integralize Scientific mantém atuação editorial orientada pelas boas práticas científicas internacionais, alinhada aos princípios de integridade acadêmica, transparência editorial e responsabilidade social do conhecimento. Seu corpo diretivo e técnico atua de maneira integrada para assegurar excelência, continuidade e relevância científica em cada edição publicada.

Corpo Editorial e Conselho de Revisores por Pares

A revista adota um rigoroso processo de avaliação científica por pares (peer review), conduzido preferencialmente no modelo doubleblind, garantindo anonimato entre autores e revisores durante o processo avaliativo, imparcialidade na emissão dos pareceres e excelência acadêmica na seleção dos manuscritos publicados.

A divulgação institucional do corpo editorial e dos revisores por pares não estabelece qualquer vinculação entre avaliadores e artigos específicos, preservando integralmente a confidencialidade e a integridade ética do processo de revisão.

Editora-Chefe

Profa. PhD Vanessa Sales

Equipe Editorial

Prof. PhD Hélio Sales Rios
Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva
Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva
Prof. PhD Manoel Coracy Dias Saboia
Prof. Dr. Daniel LaiberBonadiman

Declaração de Transparência Editorial

O periódico mantém registro formal de todas as etapas do processo de avaliação científica, assegurando confidencialidade, ética, independência acadêmica e conformidade com o modelo doubleblindpeer review, no qual autores e revisores permanecem mutuamente anônimos durante o processo avaliativo.

Conselho de Revisores por Pares (Peer Review Board)

O Conselho de Revisores por Pares é composto por pesquisadores com sólida formação acadêmica e reconhecida atuação científica. Os pareceres técnicos emitidos avaliam critérios de relevância científica, originalidade, consistência metodológica, contribuição teórica e adequação ética, fortalecendo o rigor e a credibilidade do periódico.

Pareceristas

Ciências da Educação

Dr. Carlos Mendonça
Dr. Marcelo Pertussatti
Dr. Ederson Renan Pacheco de Farias

Ciência da Saúde

Dr. Daniel Laiber
Dra. Luisa Bonadiman

Ciências Jurídicas

Dr. Avelino Thiago
Dr. James Melo de Sousa
Dr. Manoel Coracy

Educação Inclusiva

Dra. Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva
Dra. Karla Roberta Melo de Vasconcellos

Tecnologia

Dr. Flávio Lopes
Dr. Geraldo Lúcio

Editor Gerente

Rayane Priscila Santos de Souza

Editores de Seção

Karolayne Luana de Oliveira Silva

Eloisa Bárbara Rodrigues Lima

Equipe de Produção Editorial

Reviane Francy Silva da Silveira

Priscila de Fátima Lima Schio
Lucas Teotônio Vieira

Editor Técnico

Balbino Júnior

Administrador do Sistema OJS

Vitor Santos

O PESO DA INCLUSÃO: O ADOECIMENTO SILENCIOSO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

THE BURDEN OF INCLUSION: THE SILENT ILLNESS OF SPECIAL EDUCATION
PROFESSIONALS

EL PESO DE LA INCLUSIÓN: EL ENFERMAR SILENCIOSO DE LOS
PROFESIONALES DE EDUCACIÓN ESPECIAL

Elcio de Castro

Orientadora: Profa. Dra. Fábía Roseana Souza Oliveira da Silva

RESUMO

O objetivo geral deste estudo é analisar como as condições de trabalho, a sobrecarga emocional e a falta de reconhecimento influenciam o adoecimento dos profissionais da Educação Especial no contexto da inclusão escolar. Para alcançar essa meta, este estudo se propõe a investigar as principais causas do adoecimento docente nesse campo específico e a refletir sobre estratégias institucionais e humanas que possam promover o cuidado e a valorização desses profissionais. Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e reflexivo. Ao longo do estudo realizado, ficou evidente que a inclusão escolar, apesar de seus avanços e propósitos de equidade, impõe desafios significativos aos profissionais da Educação Especial. A análise revelou que o mal-estar docente não se origina apenas das demandas pedagógicas, mas também das condições estruturais, da ausência de apoio institucional, da falta de reconhecimento e da discrepância entre o discurso inclusivo e a realidade prática das escolas. Observou-se que o sofrimento docente possui dimensões éticas, afetivas e profissionais, refletindo-se na sobrecarga emocional, no estresse e, em muitos casos, no adoecimento silencioso. Esses fatores comprometem não apenas a saúde física e psicológica dos professores, mas também a qualidade do ensino e a efetividade das práticas inclusivas. O estudo destacou ainda a importância de estratégias de resistência e enfrentamento, como a formação continuada, o cuidado coletivo, a escuta ativa e a valorização institucional, que podem fortalecer a resiliência e proporcionar um sentido mais positivo à prática docente.

Palavras-chaves: Educação especial; inclusão; sobrecarga docente.

ABSTRACT

The overall objective of this study is to analyze how working conditions, emotional overload, and lack of recognition influence the illness of Special Education professionals in the context of school inclusion. To achieve this goal, this study proposes to investigate the main causes of teacher illness in this specific field and to reflect on institutional and human strategies that can promote the care and appreciation of these professionals. Methodologically, this research adopts a qualitative approach, of a bibliographic and reflective nature. Throughout the study, it became evident that school inclusion, despite its advances and purposes of equity,

imposes significant challenges on Special Education professionals. The analysis revealed that teacher distress stems not only from pedagogical demands, but also from structural conditions, lack of institutional support, lack of recognition, and the discrepancy between inclusive discourse and the practical reality of schools. It was observed that teacher suffering has ethical, affective, and professional dimensions, reflecting in emotional overload, stress, and, in many cases, silent illness. These factors compromise not only the physical and psychological health of teachers, but also the quality of teaching and the effectiveness of inclusive practices. The study also highlighted the importance of resistance and coping strategies, such as continuing education, collective care, active listening, and institutional appreciation, which can strengthen resilience and provide a more positive meaning to teaching practice.

Keywords: Special education; inclusion; teaching overload.

RESUMEN

El objetivo general de esta investigación es analizar la relación entre inclusión escolar y salud mental, comprendiendo cómo los factores emocionales y psicológicos de estudiantes y docentes impactan el proceso de aprendizaje en contextos inclusivos. Se propone identificar los principales factores que afectan la salud mental de estudiantes y docentes en escuelas inclusivas, analizar cómo estos factores influyen en el aprendizaje y reflexionar sobre estrategias pedagógicas e institucionales capaces de promover un entorno escolar más saludable, acogedor y productivo. Se trata de un estudio de carácter cualitativo, con un enfoque bibliográfico y reflexivo, cuyo objetivo es analizar la relación entre inclusión escolar y salud mental en el contexto educativo. El estudio evidenció que la promoción de la salud mental de estudiantes y docentes es fundamental para la efectividad de la educación inclusiva. Los entornos escolares acogedores, combinados con prácticas pedagógicas sensibles y apoyo institucional, favorecen el desarrollo socioemocional y el aprendizaje significativo. La formación docente, centrada en competencias emocionales, resulta estratégica para manejar la diversidad y prevenir el desgaste. La integración entre escuela, familia y comunidad fortalece las redes de apoyo y aumenta la calidad de la inclusión. Se concluye que la inclusión solo se concreta cuando el cuidado emocional, la preparación docente y el compromiso colectivo avanzan de manera articulada y sostenible.

Palabras clave: Inclusión escolar; salud mental; escuela inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é uma das conquistas mais significativas da educação contemporânea, pois representa o reconhecimento do direito de todos à aprendizagem e à convivência social. No entanto, por trás do discurso inclusivo, há um cenário de desafios e sobrecargas vividos pelos profissionais da Educação Especial, que muitas vezes enfrentam condições precárias de trabalho, falta de apoio institucional e ausência de reconhecimento (Mantoam, 2022).

A inclusão, que deveria promover equidade e acolhimento, tem revelado um paradoxo: enquanto busca integrar os alunos com deficiência, acaba, em muitos casos, excluindo e adoecendo aqueles que se dedicam a tornar essa inclusão possível (Garcia *et al.*, 2025). Surge, então, uma questão central que norteia este estudo: de que forma o processo de inclusão escolar tem contribuído para o adoecimento silencioso dos profissionais da Educação Especial?

Com base nessa problemática, o objetivo geral deste estudo é analisar como as condições de trabalho, a sobrecarga emocional e a falta de reconhecimento influenciam o adoecimento dos profissionais da Educação Especial no contexto da inclusão escolar. Têm-se como objetivos específicos: investigar as principais causas do adoecimento docente nesse campo específico, refletir sobre estratégias institucionais e humanas que possam promover o cuidado e a valorização desses profissionais.

A justificativa deste trabalho parte da constatação de que a inclusão, embora necessária e justa, não pode ser efetiva se os agentes que a implementam estiverem emocionalmente fragilizados ou fisicamente esgotados. O adoecimento docente tem se tornado uma realidade alarmante nas redes de ensino, revelando sintomas como ansiedade, estresse, síndrome de burnout e depressão. No caso da Educação Especial, esse quadro é ainda mais grave, pois o professor lida diariamente com demandas específicas, exigindo sensibilidade, paciência e preparo técnico constante. A falta de suporte institucional e a pressão por resultados imediatos intensificam esse sofrimento silencioso, comprometendo tanto a qualidade do ensino quanto o bem-estar dos profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As raízes do mal-estar docente no contexto da educação inclusiva

O mal-estar docente no contexto da educação inclusiva emerge como um fenômeno complexo, que transcende o simples cansaço físico e se manifesta como um sofrimento ético, emocional e institucional. As políticas públicas que defendem a inclusão escolar, embora fundamentadas em princípios de equidade e justiça social, nem sempre são acompanhadas por condições reais que permitam ao professor exercer sua função com segurança e apoio. Essa contradição entre o ideal e o possível tem produzido sentimentos de impotência, frustração e desânimo, marcando o cotidiano de muitos educadores que se veem sozinhos diante de desafios para os quais não foram devidamente preparados (Acuna, 2020).

Camargo e Dworak (2019) destacam que o trabalho docente é constituído por uma multiplicidade de saberes, mas também por tensões que atravessam a profissão. No campo da inclusão, essas tensões se intensificam, pois o professor é convocado a acolher todos os estudantes sem, contudo, dispor de recursos humanos, materiais ou pedagógicos suficientes. A falta de formação adequada e o acúmulo de funções aumentam a sensação de sobrecarga, o que fragiliza a saúde mental e emocional dos educadores. Assim, o ideal de uma escola inclusiva, que valoriza as diferenças, se transforma, muitas vezes, em um espaço de desgaste e adoecimento.

Cavalcante *et al.*, (2023) apontam que o mal-estar docente nasce da distância entre as expectativas depositadas no professor e as reais condições de trabalho oferecidas. No caso da educação inclusiva, essa distância é ainda maior. O docente é instado a garantir o sucesso de todos os alunos, inclusive daqueles com deficiências ou necessidades específicas, sem contar com o suporte técnico ou psicológico necessário. A responsabilização individual do professor por um processo que é coletivo e estrutural gera sentimentos de culpa e ineficácia profissional.

Além das questões estruturais, há também dimensões emocionais e simbólicas que permeiam o sofrimento docente. A relação do professor com o aluno,

mediada pelo desejo de ensinar e pela empatia, se torna fonte de angústia quando ele percebe seus limites frente às demandas da inclusão. Abreu, Cruz e Soares (2023) observam que o envolvimento afetivo com os alunos é um componente essencial da prática pedagógica, mas pode se tornar um peso emocional quando o educador não encontra apoio institucional para compartilhar suas dificuldades.

Mantoan (2022), ao tratar da educação inclusiva, enfatiza que a inclusão não pode ser reduzida a um simples processo de inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns. É um projeto de transformação cultural que exige mudanças na formação docente, na gestão escolar e nas políticas públicas. Contudo, o que se observa é que muitas instituições ainda reproduzem práticas excludentes, mascaradas por discursos inclusivos. Essa incoerência entre discurso e prática tem sido uma das principais fontes de mal-estar entre os professores.

O discurso político da inclusão, muitas vezes idealizado e normativo, impõe aos docentes a obrigação moral de garantir a aprendizagem de todos, sem considerar as condições objetivas de cada contexto escolar. Charlot (2000) lembra que ensinar é uma atividade humana profundamente marcada por significados sociais e pessoais, e que o sentido atribuído ao trabalho é fundamental para a realização do professor. Quando o sentido se perde, seja pela pressão institucional, pela falta de reconhecimento ou pelo excesso de exigências, instala-se o mal-estar.

A ausência de suporte institucional é outro fator recorrente na literatura sobre o sofrimento docente. Garcia *et al.*, (2025) argumentam que o professor precisa de uma rede de apoio composta por colegas, gestores e políticas públicas que reconheçam o valor de sua função. No entanto, em muitas escolas, o isolamento profissional é a regra. O professor enfrenta os desafios da inclusão de forma solitária, sem tempo para refletir, planejar ou dialogar com outros profissionais especializados, como psicopedagogos e assistentes sociais.

Essa solidão profissional agrava o mal-estar, pois o professor deixa de ser sujeito de sua prática e passa a atuar como mero executor de políticas. A desvalorização simbólica e a burocratização do ensino fazem com que o docente sinta que seu trabalho perdeu o sentido. Segundo Camargo e Dworak (2019), o

trabalho docente é uma atividade intersubjetiva que depende do reconhecimento do outro — seja do aluno, do gestor ou da sociedade. Quando esse reconhecimento é negado, o sofrimento emerge como resposta à desumanização das relações escolares.

Outro aspecto relevante é a precarização das condições de trabalho. Salários baixos, turmas superlotadas e falta de materiais didáticos adequados criam um ambiente propício ao estresse e à exaustão. Esteve (1999) chama atenção para o fato de que o mal-estar docente não é uma fragilidade individual, mas um sintoma de um sistema educacional que desconsidera o bem-estar de quem ensina. O sofrimento, portanto, é também um grito por reconhecimento e mudança.

O mal-estar docente na educação inclusiva pode ser entendido como uma reação ao descompasso entre a formação recebida e as novas exigências da escola contemporânea. Muitos professores afirmam não se sentirem preparados para lidar com a diversidade, o que evidencia lacunas na formação inicial e na capacitação continuada. Nóvoa (2019) defende que a formação deve ser concebida como um processo permanente, centrado na reflexão sobre a prática e na valorização da experiência docente.

A ausência de políticas de cuidado emocional voltadas aos professores reforça o ciclo de adoecimento. Em um contexto em que se cobra cada vez mais resultados e desempenho, o cuidado com a saúde mental é negligenciado. Acuna (2020) argumenta que a docência é uma profissão marcada pela emoção, e que o equilíbrio afetivo é essencial para a qualidade do ensino. Ignorar esse aspecto é comprometer não apenas o bem-estar do professor, mas também o processo educativo como um todo.

Além das pressões externas, há o peso interno da vocação e da responsabilidade moral. Muitos professores, movidos por um forte ideal de compromisso com o aluno, sentem-se fracassados quando não conseguem promover a inclusão plena. Esse sentimento de impotência é ampliado pela falta de recursos e pela cobrança social, que associa o sucesso da inclusão diretamente à competência individual do docente (Abreu; Cruz; Soares, 2023).

O mal-estar docente, portanto, não deve ser interpretado apenas como um problema pessoal ou psicológico, mas como um fenômeno social e político. Ele revela as contradições de um sistema educacional que prega a inclusão, mas não oferece as condições necessárias para realizá-la. Como destacam Damascena e Vale (2020), o sofrimento no trabalho pode se transformar em resistência e reflexão quando encontra espaços de diálogo e reconhecimento.

2.2 O sofrimento psíquico e as estratégias de resistência docente

O sofrimento psíquico docente emerge como um fenômeno complexo, marcado por tensões entre exigências institucionais, expectativas sociais e a própria vocação do professor. O cotidiano escolar, especialmente no contexto da educação inclusiva, impõe desafios que muitas vezes ultrapassam a capacidade individual de lidar com demandas múltiplas e contraditórias (Esteve, 1999).

Figueiredo e Silva (2022) ressaltam que o sofrimento no trabalho não é apenas resultado de sobrecarga física ou administrativa, mas também de conflitos éticos e emocionais, quando o indivíduo é impedido de agir de acordo com seus valores e princípios. No caso do professor, isso se manifesta em um desgaste contínuo, fruto da necessidade de equilibrar o cuidado com o aluno e o cumprimento de normas institucionais muitas vezes rígidas.

Esteve (1999) destaca que o mal-estar docente possui uma dimensão ética central, pois os professores se confrontam diariamente com decisões que impactam diretamente o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos. Essa responsabilidade, quando desprovida de apoio institucional e de condições adequadas de trabalho, transforma-se em fonte de angústia, frustração e sensação de impotência. O docente sente-se frequentemente desamparado, o que pode gerar sentimentos de culpa, ansiedade e desmotivação.

O sofrimento afetivo também é significativo, pois os professores constroem vínculos emocionais com seus alunos. Winnicott (1975) aponta que as relações humanas, especialmente em contextos educativos, carregam dimensões afetivas fundamentais para o desenvolvimento emocional. No entanto, quando o professor percebe que sua ação não é suficiente para promover o bem-estar e a

aprendizagem do aluno, o vínculo pode tornar-se fonte de tensão, exacerbando sentimentos de frustração e desamparo.

Freud (1920) contribui para a compreensão do sofrimento psíquico ao indicar que as frustrações internas e externas, quando não elaboradas, podem gerar angústia e sintomas emocionais. No ambiente escolar, o docente enfrenta constantes pressões externas — resultados escolares, demandas familiares e políticas educacionais — que muitas vezes colidem com seus ideais profissionais. O conflito entre o desejo de ensinar de forma humanizada e as condições concretas do trabalho cria uma tensão que se traduz em sofrimento psíquico.

Codo (2003) acrescenta que o sofrimento docente é intrinsecamente ligado à identidade profissional. Quando o professor percebe que sua ação não é reconhecida ou valorizada, sente-se desqualificado, o que impacta negativamente sua autoestima e motivação. Esse desgaste emocional pode se acumular e gerar consequências sérias para a saúde mental, refletindo-se em absenteísmo, evasão da profissão e, em casos mais graves, adoecimento psicológico.

Apesar desse contexto desafiador, os professores desenvolvem estratégias de resistência, buscando transformar o sofrimento em aprendizado, reflexão e criatividade. Dejours (2004) argumenta que a resistência ocorre quando o sujeito encontra formas de recuperar autonomia e sentido em sua prática, mesmo diante de adversidades institucionais. No ambiente escolar, essa resistência pode se manifestar na elaboração de soluções pedagógicas inovadoras ou na busca por diálogos com colegas e especialistas para enfrentar problemas complexos.

O desenvolvimento de resiliência é uma das formas mais efetivas de enfrentamento do sofrimento docente. A resiliência permite ao professor lidar com adversidades sem comprometer sua integridade emocional. Esteve (1999) destaca que a reflexão sobre a própria prática, aliada à consciência de suas limitações e recursos, é um mecanismo central para fortalecer a resiliência. Por meio dessa reflexão, o docente consegue identificar situações que podem ser modificadas e estabelecer estratégias de coping mais eficazes.

A construção de redes de apoio também é fundamental para a resistência docente. Winnicott (1975) enfatiza que o ambiente de cuidado é essencial para o desenvolvimento saudável do sujeito. No contexto escolar, o cuidado coletivo, seja por meio de grupos de professores, coordenação pedagógica ou supervisão especializada, atua como fator protetivo contra o esgotamento emocional. O compartilhamento de experiências e desafios permite que o docente sinta-se compreendido e acolhido, diminuindo a sensação de isolamento.

A escuta ativa e a valorização das experiências docentes são elementos-chave no enfrentamento do sofrimento psíquico. Codo (2003) ressalta que o reconhecimento institucional das dificuldades e esforços do professor contribui para a reconstrução de sentido na prática pedagógica. A ausência de reconhecimento amplifica o mal-estar, enquanto a valorização simbólica e material fortalece a motivação e a capacidade de resistência.

Estratégias de enfrentamento também incluem a adaptação pedagógica e a criatividade no planejamento das aulas. O professor, ao perceber limitações institucionais ou falta de recursos, busca alternativas que possibilitem a aprendizagem do aluno sem comprometer sua integridade emocional. Esse processo de inovação, embora exigente, promove um senso de competência e agência, mitigando parte do sofrimento causado pelas condições externas (Acuna, 2020).

O sofrimento ético, afetivo e profissional interage de maneira complexa, sendo necessário compreendê-lo em sua totalidade. Dejours (2004) alerta que ignorar essas dimensões leva a uma redução da docência a tarefas mecânicas, desprovidas de significado. Por outro lado, quando o professor consegue elaborar cognitivamente e emocionalmente as tensões, o sofrimento pode se tornar motor de transformação, incentivando práticas pedagógicas mais humanas e inclusivas.

O autocuidado configura-se como um elemento central na resistência docente frente aos desafios da educação inclusiva. Esteve (1999) e Dejours (2004) destacam que o reconhecimento dos próprios limites, a busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional e a prática de estratégias de relaxamento ou

acompanhamento psicológico são fundamentais para preservar a saúde mental do professor. Aqueles que se dedicam ao autocuidado conseguem lidar de forma mais efetiva com frustrações e pressões, percebendo o sofrimento como parte integrante da prática docente e não como uma falha ou derrota pessoal (Camargo; Dworak, 2019).

Nesse sentido, o sofrimento psíquico docente não deve ser interpretado exclusivamente como um fenômeno negativo. Quando acompanhado de reflexão crítica, apoio institucional e estratégias de enfrentamento, ele pode servir como catalisador para o crescimento profissional, o fortalecimento da identidade pedagógica e o desenvolvimento de habilidades de resiliência. A experiência de lidar com adversidades oferece oportunidades de aprendizado que transcendem a esfera pessoal, impactando positivamente a prática educativa e a relação com os alunos (Garcia *et al.*, 2025).

3 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi construída a partir de uma abordagem qualitativa, orientada pela intenção de compreender, para além dos dados objetivos, as experiências humanas que atravessam o trabalho dos profissionais da Educação Especial. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e reflexiva, que se apoia em produções acadêmicas dedicadas à inclusão escolar, ao trabalho docente e à saúde do professor, escolhidas não apenas por sua relevância científica, mas por sua capacidade de dar voz às vivências, tensões e afetos presentes no cotidiano da docência inclusiva.

A análise do material foi conduzida de forma sensível e interpretativa, buscando identificar como as exigências da inclusão, quando desacompanhadas de suporte institucional e reconhecimento, podem gerar sofrimento e adoecimento silencioso. Ao articular os referenciais teóricos com uma leitura crítica da realidade educacional, o estudo procurou respeitar a complexidade do trabalho docente e reconhecer o professor como sujeito ético, emocional e profissional.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados do estudo indicam que o adoecimento dos profissionais da Educação Especial está profundamente relacionado à maneira como as políticas públicas de inclusão são efetivadas no cotidiano escolar. Embora os discursos institucionais enfatizem a equidade e o direito à educação, observa-se que a responsabilidade pela inclusão tem sido deslocada, de forma recorrente, para o professor, sem a garantia de condições adequadas de trabalho, apoio técnico ou reconhecimento profissional. Esse cenário contribui para a consolidação do mal-estar docente, conforme apontam Abreu, Cruz e Soares (2023).

As discussões revelam que o sofrimento docente assume caráter estrutural, vinculado à organização do trabalho pedagógico e à precarização das relações laborais. A intensificação das demandas, a cobrança por resultados e a limitação da autonomia profissional configuram um ambiente propício ao adoecimento psíquico. Codo (2003) e Dejours (2004) destacam que, quando o trabalho perde seu sentido e o professor não encontra espaços institucionais de escuta e acolhimento, o sofrimento tende a se transformar em adoecimento silencioso.

Outro aspecto evidenciado nos resultados refere-se à fragilidade do suporte multiprofissional nas instituições escolares. A ausência ou atuação limitada de psicólogos escolares dificulta o enfrentamento das tensões emocionais inerentes ao processo inclusivo e reforça o sentimento de isolamento vivido pelos docentes da Educação Especial. Estudos de Acuna (2020) e Figueiredo e Silva (2022) apontam que a falta desse apoio compromete tanto a saúde mental dos professores quanto a efetividade das práticas inclusivas.

A análise também evidencia limites importantes nos processos de formação continuada, que, em muitos casos, priorizam conteúdos normativos e técnicos, sem considerar as dimensões subjetivas e emocionais do trabalho docente. Araújo e Junger (2024) ressaltam que formações desconectadas da realidade escolar tendem a ampliar sentimentos de insegurança e despreparo, intensificando a sobrecarga emocional dos profissionais envolvidos com a inclusão.

Do ponto de vista teórico, as discussões dialogam com Charlot (2000) e Mantoan (2022), ao reforçar que a inclusão escolar exige o reconhecimento do sentido atribuído pelo professor ao seu trabalho e das condições concretas de sua realização. Contribuições da psicologia, como as de Winnicott (1975) e Freud (1920), permitem compreender que a ausência de um ambiente institucional suficientemente acolhedor fragiliza o equilíbrio emocional do docente, afetando sua capacidade de cuidado e mediação pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo realizado, ficou evidente que a inclusão escolar, apesar de seus avanços e propósitos de equidade, impõe desafios significativos aos profissionais da Educação Especial. A análise revelou que o mal-estar docente não se origina apenas das demandas pedagógicas, mas também das condições estruturais, da ausência de apoio institucional, da falta de reconhecimento e da discrepância entre o discurso inclusivo e a realidade prática das escolas.

Observou-se que o sofrimento docente possui dimensões éticas, afetivas e profissionais, refletindo-se na sobrecarga emocional, no estresse e, em muitos casos, no adoecimento silencioso. Esses fatores comprometem não apenas a saúde física e psicológica dos professores, mas também a qualidade do ensino e a efetividade das práticas inclusivas.

O estudo destacou ainda a importância de estratégias de resistência e enfrentamento, como a formação continuada, o cuidado coletivo, a escuta ativa e a valorização institucional, que podem fortalecer a resiliência e proporcionar um sentido mais positivo à prática docente. Conclui-se que cuidar de quem ensina é condição indispensável para que a inclusão escolar seja efetiva e sustentável. Garantir suporte, reconhecimento e condições adequadas de trabalho é essencial para promover um ambiente educativo humanizado, em que professores e alunos possam desenvolver-se plenamente, consolidando uma prática inclusiva genuína e duradoura.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, R. M. A.; CRUZ, L. B. S.; SOARES, E. L. S. Políticas públicas em educação e o mal-estar docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 28, e280023, 2023.

ACUNA, J. Perspectivas de professores sobre o suporte do psicólogo escolar ao processo de inclusão educacional. *Revista Psicologia*, v. 19, n. 1, 2020.

ARAUJO, M. M. P.; JUNGER, A. P. Dialogando a formação continuada de professores: uma revisão sistemática da literatura. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, v. 16, n. 1, p. 1446–1463, 2024

CAMARGO, B. C.; DWORAK, A. P. Mal-estar docente: um olhar das professoras e coordenadoras pedagógicas. *Olhar De Professor*, v. 20, n. 1, p. 109–121, 2019

CAVALCANTE, A. S. P. *et al.* Competências e necessidades docentes de uma Escola de Saúde Pública. *Cadernos ESP*, v. 17, n. 1, e1698, 2023.

CHARLOT, B. *Da prática à teoria: sociologia da profissão docente*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CODO, W. *A organização do trabalho pedagógico e o sofrimento docente*. São Paulo: Cortez, 2003.

DAMASCENA, L. M.; VALE, A. F. Tipologias da precarização do trabalho na atenção básica: um estudo etnográfico. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, p. 345–362, 2020

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2004.

ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: entre normas e prática*. Lisboa: Edições Pedagógicas, 1999.

FIGUEIREDO, S.; SILVA, E. Desafios dos docentes das salas de recursos multifuncionais (SRM). *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, e230191, p. 1-14, 2022

FREUD, S. Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

GARCIA, O; *et al.* O mal-estar docente: percepções a partir de uma escola da periferia de Goiânia. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, Araraquara, v. 26, n. 00, p. e025002, 2025.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2022.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e o desenvolvimento da criança. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

